



Oculum Ensaio

ISSN: 1519-7727

sbi.ne_oculumensaios@puc-campinas.edu.br

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Brasil

MAGALHÃES PEREIRA DA SILVA, JONATHAS

PESQUISAR? PARA QUÊ? PARA QUEM?

Oculum Ensaio, vol. 12, núm. 1, enero-abril, 2015, pp. 11-12

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Campinas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=351733757002>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

EDITORIAL

PESQUISAR? PARA QUÊ? PARA QUEM?

Escrevo para abrir um debate.

Escrevo sem pesquisar dados quantitativos; sem me ater a sábios autores; sem ter certezas. Trago para o debate a dúvida, germe da curiosidade que pode ser criativa ou não. Caso o leitor já tenha suas respostas às perguntas, convido-o a interromper imediatamente a leitura e não perder mais tempo. Ataque os succulentos artigos, frutos de suadas pesquisas. Por outro lado, caso o leitor já tenha feito a si essas proibidas perguntas sem nunca tê-las explorado, seja por pura preguiça ou medo de ser descoberto diante de tais pensamentos traumáticos, que podem inclusive resultar em contemporâneo fenômeno conhecido como *bullying*, recomendo que se isole de todos e leia o presente editorial escondido, sem ser notado. Por fim, caso o leitor ficou simplesmente curioso e a pergunta desperta certo ânimo para o debate, leia sem medo; mal não fará.

Desculpe me alongar na introdução deste já pequeno editorial. Apenas gostaria de reforçar que, independentemente do leitor-tipo, o presente texto não se propõe a concluir as questões lançadas. Para isso necessitaríamos de uma pesquisa mais aprofundada. Ah!!! Então já respondemos à primeira pergunta? Não. Acho que não. O certo é que, aparentemente, não se faz pesquisa que se preze, sem que as questões estejam adequadamente elaboradas.

Esta “certeza aparente” é o que fomenta a pesquisa: dúvida sobre a realidade. A pesquisa questiona o que nos é apresentado como “realidade”. Algumas das várias faces da referida “realidade” são reveladas no processo. Difícil é o pesquisador perceber que os resultados obtidos são, na grande maioria das vezes, apenas uma face da tal “realidade”.

Ok! Até dá para entender, filosoficamente, as razões de se pesquisar. Mas cabe a questão: e na prática? Para que serve a pesquisa realizada atualmente por pesquisadores dos cursos de pós-graduação em arquitetura e urbanismo? Questiona-se aqui a recente prática acadêmica que, por correr atrás de índices de produção preestabelecidos, esquece o real objetivo de sua existência. Passa-se a gerar artigos e textos pelo simples fato de estes pontuarem e garantirem boas notas aos programas de pós-graduação. Sofistica-se o sistema ao fazer uma avaliação supostamente “qualitativa” no momento em que se passa a contar o número de citações do artigo. A cada tentativa de se medirem com mais eficiência os produtos acadêmicos, o processo produtivo na universidade responde com novas estratégias para garantir a boa pontuação.

Até mesmo os alunos de graduação, que enfrentam uma Iniciação Científica, são logo cooptados pelo processo avaliativo. Alguns se candidatam para a Iniciação Científ-

fica objetivando garantir uma boa pontuação no processo de solicitação de intercâmbio. Os mestrandos e doutorandos aprendem com seus orientadores como citarem e serem aceitos nos periódicos, sendo que em alguns cursos são ameaçados de não receber o título caso não tenham algum artigo publicado. Tudo para aperfeiçoar um sistema de avaliação que provoca a produção, mas não necessariamente a pesquisa. Não se faz aqui a defesa de uma pesquisa purista que paire acima do entendimento e avaliação dos homens. O que questionamos é o foco das preocupações. O entendimento de nossa realidade — socioeconômica, espacial, histórico-cultural, no caso das pesquisas em arquitetura e urbanismo —, não deveria ser esse o foco das preocupações no processo de pesquisa? Os valores passados para graduandos, pós-graduandos e pesquisadores não devem ser debatidos? O que de fato estamos construindo a longo prazo? Será Currículos Lattes, muito bem preenchidos e, simultaneamente, esvaziados de conteúdos?

Lidamos com recursos públicos no apoio de nossas pesquisas. O controle social desses recursos pode de fato ser facilitado pelos processos de avaliação. Nesse sentido, a avaliação ganha um sentido político divulgando avanços e precariedades da área. Entretanto esse processo não pode se sobrepor aos objetivos primeiros da pesquisa, sob risco de induzir ao erro a percepção da sociedade sobre os reais resultados que a área vem apresentando.

Não se enganem! A pesquisa na área de arquitetura e urbanismo representa a possibilidade de conseguirmos provocar pequenos deslocamentos na equação desigual de nossa sociedade. As pesquisas de nossos mestres, nas últimas quatro décadas, já possibilitaram alguma luz sobre o desenvolvimento de políticas públicas e de programas que impactaram diretamente nossas cidades. Pesquisas que fortaleceram argumentações junto a movimentos sociais, promotores, políticos, vereadores, deputados, senadores. Os debates sobre a realidade são fundamentais para transformá-la ou questioná-la.

A pesquisa tem uma importante função social que não pode ser diminuída por um processo avaliativo que imprime sobre alunos e pesquisadores valores equivocados de como se destacar entre seus pares e conquistar editais de fomento.

O trabalho acadêmico busca garantir o processo democrático. Não existe democracia sem entendimento das contradições de uma determinada realidade. O mercado não tem interesse em revelar as contradições: ele se alimenta delas. A política partidária apresenta versões da realidade, posicionando-se frente aos diferentes entendimentos. A pesquisa acadêmica não pode se reduzir a um fantoche conduzido por um processo avaliativo.

Sem conclusão. A questão, aparentemente burocrática e de resposta única, se mostra mais interessante e essencial a um país que busca quebrar velhas visões de uma suposta realidade.

JONATHAS MAGALHÃES PEREIRA DA SILVA | Pontifícia Universidade Católica de Campinas | Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologia | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | Rod. Dom Pedro I, km 136, Parque das Universidades, 13086-900, Campinas, SP, Brasil | E-mail: <jonathas.silva@puc-campinas.edu.br>.